



Consumo de mídia de professores da Educação Básica: desafios para o trabalho com os meios de comunicação na escola¹

Larissa Fernanda Domingues ROSSETO²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

Este artigo investiga as relações entre os professores da educação básica e as linguagens dos meios de comunicação. Ele parte de dados colhidos com professores de duas escolas de Bauru que já desenvolveram trabalhos com mídia em sala de aula. Os dados são colocados em perspectiva com outras pesquisas sobre hábitos de consumo de mídia, realizadas com professores paulistas. Eles embasam a possibilidade de se trabalhar com as mídias digitais, tendo a internet como suporte, de forma a gerar conhecimento em sala de aula.

Palavra-chave: consumo de mídia; professores; escolas bauruenses; mídias digitais

1. Introdução

Os dados trazidos neste artigo fazem parte da dissertação de mestrado “Educação para as mídias via TV digital: uma proposta para a formação continuada de professores da educação básica” (Rosseto, 2010). Recortamos parte dos dados para que possamos discutir a relação entre o consumo de mídia dos professores e a abordagem das linguagens midiáticas na escola.

1.1 Linguagens comunicacionais e a escola

A dinâmica da sociedade contemporânea está invariavelmente atrelada às tecnologias comunicacionais. Nesse sentido, causa estranhamento o fato de que a escola, o espaço comum a quase totalidade dos cidadãos - onde passam, pelo menos, nove anos de suas vidas – negligencie os meios de comunicação.

Ao longo da sua história, a escola fundamentou-se no paradigma do texto escrito que estabelece, de acordo com Martín-Barbero (1996), uma dupla relação entre a linearidade do texto e o desenvolvimento escolar, ou seja, o avanço intelectual da criança vai paralelo com seu progresso na leitura, que, por sua vez, relaciona-se com as escalas mentais da idade. Em complemento à valorização da escrita, a escola ensina que

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestre em Televisão Digital: Informação e Conhecimento pela FAAC-Unesp, email: larissa_rosseto@yahoo.com.br



os textos podem ser controlados desde a sua sintaxe até a interpretação, estimulando, assim, a leitura passiva e suprimindo a criatividade dos alunos. A importância da imagem é desconsiderada, e ela só é sacada como recurso meramente ilustrativo e, devidamente legendada, para que não haja qualquer abertura quanto ao seu significado.

Não só as imagens foram colocadas à parte das práticas pedagógicas, bem como todas as demais linguagens que não fossem estritamente verbais. O cenário atual, marcado pela era da informação, "possui alcance transterritorial, capacidade de redução do tempo de tráfego das ocorrências, permanência e imaterialidade. Tais circunstâncias geram novos processos de apreensão, convivência e circulação dos eventos disponibilizados pelos recursos comunicacionais" (Citelli, 2002, p.19). Nesse contexto, há um profundo "descompasso" entre o discurso didático-pedagógico e as linguagens institucionalmente não escolares.

Ao se prender exclusivamente ao ensino da escrita, a escola ignora a riqueza do vocabulário oral das crianças e negligencia toda variante cultural que seja produzida pelas imagens. Dessa forma, contribui para aumentar o fosso que separa os alunos das classes abastadas, conectados ao universo informacional e comunicativo em casa, dos alunos das classes populares, que têm no espaço educacional a única oportunidade de interagir com esse meio. Em contrapartida à evolução das tecnologias mediáticas, a escola ainda utiliza como principal material de ensino o livro didático, marcado por estereótipos e idealizações, como bem analisa Citelli: "tais obras conseguem apresentar modelos que pouco ou nada têm a ver com a realidade da maioria das crianças, refletindo quase sempre formas ligadas ao padrão de vida de uma pretensa classe média" (1999, p. 53).

Para corroborar tais constatações, uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 1996 e 1998, envolvendo 15 escolas públicas, 1,2 mil educandos, de 3ª e 8ª séries, da qual participou Citelli, identificou, depois de horas de observação em campo, as relações que se estabelecem, na prática, entre educandos, educadores e os conteúdos mediáticos. Foi notado algo curioso: na sala de aula, os professores e alunos silenciavam sobre o que tinham visto e ouvido na noite anterior, enquanto no intervalo, os dois grupos comentavam animadamente o capítulo da novela e a reportagem do jornal.

"(...) as linguagens não escolares estão presentes de forma definitiva na vida dos alunos e provocam situações novas às quais as instituições educadoras formais não conseguem responder satisfatoriamente; os professores utilizam – quando o fazem – de maneira restrita as possibilidades abertas pelos meios de



comunicação, a despeito de serem por esses influenciados e estarem cientes do alcance de tais veículos pelos educandos” (CITELLI, 2004, p.158).

2. Objetivo e metodologia

Partindo dessas premissas, fomos investigar quais relações os professores de escolas localizadas em Bauru estabelecem com as linguagens da comunicação. Nosso objetivo é avaliar os hábitos de consumo de mídia dos docentes e o que eles já desenvolvem em sala de aula partindo da linguagem e do conteúdo dos meios de comunicação. Foram escolhidas duas escolas que já desenvolveram trabalhos com mídia, a Escola Estadual Professor Francisco Alves Brizola e Escola Estadual Padre Jorge Lima. Aplicamos questionários semidirecionados junto a 10 professores, de cada escola, e realizadas entrevistas com seus respectivos coordenadores pedagógicos, além de observações in loco, para nos ajudar a apreender o entorno dessas instituições escolares.

3. Discussão

Antes de apresentarmos os resultados, convém destacarmos as características dos dois estabelecimentos de ensino.

3.1. Cenário da Escola Estadual Professor Francisco Alves Brizola

Escola de grande porte, recebe aproximadamente 1200 crianças e adolescentes de até oito bairros distintos, próximos e distantes. Embora a maioria tenha origem humilde, o coordenador pedagógico da escola afirma que há alunos com perfil de classe média, cujos pais possuem carro próprio e usufruem de internet banda larga em casa. O estabelecimento dispõe de uma sala com 14 computadores conectados à internet, à disposição de professores que queriam levar seus alunos.

A escola é relativamente bem cuidada, embora a rádio esteja desativada, entre outros motivos alegados, pelo furto de fios e equipamentos.

3.2. Cenário da Escola Estadual Padre Jorge Lima

De médio porte, a escola recebe entre 750 alunos de até cinco bairros diferentes. A coordenadora pedagógica afirma que a maioria é de origem humilde, porém, a exemplo do que ocorre na escola Brizola, há crianças que têm computador com acesso à



internet banda larga e carro próprio na garagem. A escola possui laboratório com entre 10 e 12 computadores funcionando conectados à internet.

O nosso contato nesta escola restringiu-se à coordenadora pedagógica, bastante otimista e esforçada em divulgar os trabalhos realizados pelos alunos com os meios de comunicação. Apesar de ela afirmar estarem funcionando a TV e o rádio instalados na escola, em 2010, ainda não havia sido realizado e nem previsto nenhum projeto a partir dessas duas mídias. Por outro lado, os trabalhos com mídia impressa, segundo ela, são frequentes e foram comprovados com um jornal e uma revista, produzidos pelos alunos.

3.3. Consumo de mídia

Apresentaremos, a seguir, os resultados dos questionários aplicados no grupo de dez professores das duas escolas, relativos às respostas sobre os hábitos de consumo de mídias. O objetivo dessas perguntas é verificarmos em que medida os professores são afetados pelo efeito socializador dos conteúdos das mídias, segundo a quantidade de tempo a que estão submetidos a elas.

Começando pelo tempo que se dedicam a assistir à televisão (Quadro 1), vemos que a porcentagem está bem equilibrada entre uma opção de baixo consumo (menos de uma hora por dia) e uma que pode ser de alto consumo (entre uma hora e três horas por dia). É relevante constatar que a opção de maior consumo se sobrepõe à outra, o que nos leva a inferir que o hábito de assistir à televisão ainda é frequente entre os docentes, o que reafirma a grande familiaridade dos educadores com o veículo.

Você assiste à televisão com que frequência?						
	Escola Brizola		Escola Padre Jorge Lima		TOTAL	
	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem
Menos de 1 hora por dia	5	50%	4	40%	9	45%
Entre 1 hora e 3 horas por dia	5	50%	6	60%	11	55%
Mais que 3 horas por dia	-	-	-	-	-	-
Não assisto	-	-	-	-	-	-

Quadro 1: Consumo de TV

Já o consumo do conteúdo de rádio mostrou-se majoritariamente baixo, uma vez que 70% afirmaram raramente ouvir a programação radiofônica.



O hábito de assistir a filmes (Quadro 2) é bem dividido também entre duas opções opostas: 45% veem menos de quatro vezes por semana, enquanto 40% assistem-nos semanalmente. Mas notemos que, se somadas as outras opções que indicam um baixo consumo de filmes, elas chegam a 60%. Esse índice deve ser lamentado se supormos haver uma relação direta entre o fato de o professor não passar filmes a seus alunos se não os assiste em casa.

Você assiste a filmes com que frequência?						
	Escola Brizola		Escola Padre Jorge Lima		TOTAL	
	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem
Toda semana	3	30%	5	50%	8	40%
Menos de 4 vezes por mês	6	60%	3	30%	9	45%
Raramente	-	-	2	20%	2	10%
Não assisto	1	10%	-	-	1	5%

Quadro 2: Consumo de filmes

Por sua vez, o número de leitores assíduos é alto. Se somadas as duas primeiras opções, em resposta à pergunta com qual frequência você lê, as opções “todos os dias” e “quase todos os dias” chegam à quase totalidade da amostra: 90%. O restante da amostra (10%) afirma que lê “raramente”.

Ainda sobre esse tema, procuramos saber quais seriam as mídias mais lidas. O Quadro 3 detalha esses dados e aponta que a opção “material de trabalho” segue empatada com “jornais”. O empate com a leitura de jornais é um sinal animador, pois demonstra que os professores estão em contato permanente com notícias.

O que você costuma ler com mais frequência (assinale até 3)			
	Escola Brizola (número de citações)	Escola Padre Jorge Lima (número de citações)	TOTAL
Material de trabalho	9	6	15
Jornais	8	7	15
Revistas	2	6	8
Livros	3	4	5

Quadro 3: Tipos de leitura



O acesso à internet apareceu praticamente na totalidade das respostas, com exceção de um professor, conforme mostra o Quadro 4. É uma prova de que esses profissionais estão cada vez mais habituados ao uso do computador, portanto, à interação com a máquina e suas interfaces digitais.

Você tem computador em casa com acesso à internet?						
	Escola Brizola		Escola Padre Jorge Lima		TOTAL	
	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem
Sim	9	90%	10	100%	19	95%
Não	1 (acessa na escola)	10%	-	-	1	5%

Quadro 4: Acesso ao computador

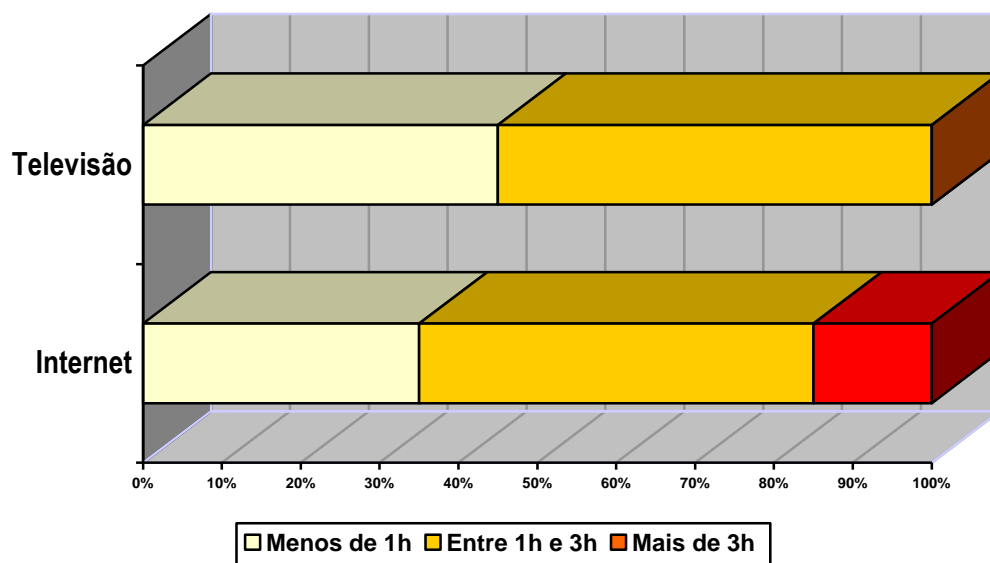
E as horas dedicadas ao acesso diário à rede mundial de computadores são surpreendentemente altas: metade dos professores afirma navegar entre uma e três horas todos os dias (Quadro 5). A quantidade de horas declarada surpreende positivamente se pensarmos que esse tempo dedicado à internet pode ser revertido em acréscimo de qualidade às aulas ministradas pelos professores. Todavia, o simples acesso a uma grande quantidade de informações, proporcionado pela internet, não implica maior conhecimento. Mas tal hábito já é um indicativo de que os professores têm condições de se informar sobre diferentes temas, acessar a variada produção cultural exposta nas páginas da rede e, ainda, participar de redes sociais e comunidades colaborativas de aprendizagem.

Você acessa a internet com que frequência?						
	Escola Brizola		Escola Padre Jorge Lima		TOTAL	
	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem
Menos de 1 hora por dia	3	20%	4	40%	7	35%
Entre 1 hora e 3 horas por dia	5	50%	5	25%	10	50%
Mais que 3 horas por dia	2	20%	1	10%	3	15%
Não acesso	-	-	-	-	-	-

Quadro 5: Navegação na internet

Destacamos, no gráfico, a seguir, “Tempo de consumo das mídias televisão X internet”, como as horas dedicadas ao acesso à internet já superam o consumo do conteúdo da televisão. Os dados, pelo menos os recolhidos entre a amostra desta pesquisa, descortinam a impressão do senso comum de que os professores de escola pública estejam à margem do processo de inclusão digital.

Tempo de consumo das mídias televisão e internet



Abrimos um parêntese aqui para apontar dados levantados em uma nova pesquisa realizada com 79 docentes da capital paulista, realizada entre os anos de 2006 e 2008, quando Citelli restringiu a amostra a professores com menos de 30 anos, para explorar como eles se inserem nas relações comunicativas. Foi constatado que 100% se dizem usuários de computador, mesma questão respondida num estudo de 2002 (quando 71.56% responderam que usavam) e nos estudos de 1996 (quando 39,29% disseram que sim).

A restrição da amostra parte da hipótese de que este seja um público cuja formação escolar e profissional tenha se dado em um ambiente marcado pelas transformações tecnológicas, conseqüentemente nos circuitos comunicacionais. De acordo com o autor,

“(…) está pressuposto que o jovem docente tenha cumprido o seu circuito escolar ativando um nível de relação com os media, ao mesmo tempo contínuo, pois referido ao dia a dia de cada um dos futuros professores, e integrado a um cenário



tecnológico, operacional, que funciona como presença permanente: computador, rádio, televisão, DVD etc. A questão evidenciada neste momento é a seguinte: o fato de existirem novas sociabilidades, vínculos naturalizados entre o sujeito e os múltiplos suportes técnicos, teria alcançado o percurso profissional do futuro docente, ele próprio formador de outros tantos jovens, ainda mais afeitos ao circuito de comunicação generalizada?” (CITELLI, 2010, p.20)

Nesta mesma pesquisa, realizada por Citelli, quando questionados se gostariam de realizar cursos destinados a formação para o trabalho com as linguagens dos meios de comunicação na escola, 90% responderam que sim. A sensibilidade ao trabalho com a mídia também se mostrou acentuada nas respostas aos questionários aplicados junto aos professores das duas escolas bauruenses.

Sondamos entre os professores suas opiniões quanto ao trabalho de educação para as mídias: se o consideram importante, se já fizeram atividades nessa área e o que deveria constar em um curso de capacitação para docentes com essa finalidade.

Começamos pela questão se os professores já desenvolveram um trabalho com ou sobre quaisquer mídias em sala de aula. É curioso notarmos no Quadro 6, que na escola onde a rádio está desativada, a totalidade dos professores já desenvolveu um trabalho com e a partir das mídias; ao passo que, na escola onde há rádio e TV instaladas, além de projetos de produção de jornal e revista já consolidados, quase a metade dos que responderam à questão nunca realizou nenhum trabalho na área.

Você já desenvolveu algum trabalho com meios de comunicação?						
	Escola Brizola		Escola Padre Jorge Lima		TOTAL	
	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem
Sim	10	100%	6	60%	16	80%
Não	-	-	4	40%	4	20%

Quadro 6: Trabalho com a mídia

Pedimos também que os professores relatassem quais tipos de trabalho haviam desenvolvido. Como era uma questão aberta e as respostas, díspares, trazemo-nas em tópicos:

Na escola Brizola:

- Usou a mídia como suporte (filme e internet) para comparar uma mesma história lida em um livro.



- Busca de exemplos na mídia de marcas com nomes mitológicos.
- Exploração do gênero notícias a partir de fotos publicadas em jornais.
- Trabalho com notícias e pesquisa na internet.
- Debate a partir de artigos de jornais e revistas para abordar a relação passado e presente e tratar de questões ambientais.
- Dois professores trabalharam com estatísticas a partir de folhetos de supermercados ou gráficos de jornais.
- Proposição de pesquisas na internet em geral.
- Gravação para veiculação na rádio (quando ainda funcionava) de desafios e curiosidades da área de Matemática.
- Análise de diferentes focos de uma mesma notícia veiculada por rádio, TV e jornais.

Na Escola Padre Jorge Lima:

- Dois professores responderam pesquisas na internet; um em sites sobre o meio ambiente e outro sobre vida e obra de matemáticos.
- Três relataram ter participado da produção do jornal ou da revista da escola.
- Trabalho com matéria de TV e jornal impresso com preços da cesta básica; os resultados foram apresentados em planilha de Excel.
- Leitura e interpretação de diferentes tipos de textos de jornal (crônica, notícia, etc.) e elaboração de textos narrativos a partir de imagens de revistas.

Podemos notar que algumas propostas partiram da mídia como objeto de estudo, como a que analisou uma mesma notícia veiculada em diferentes meios de comunicação; outras só a utilizaram como mero suporte, como na atividade em que era preciso recortar marcas de produtos com nomes mitológicos. Já as outras que levaram as crianças a se apropriarem da linguagem da mídia para produzir conteúdos, por exemplo a gravação de programetes sobre Matemática para o rádio, se foram bem conduzidas, conseguiram instrumentalizar pedagogicamente os meios de comunicação (Belloni, 2001).

A próxima questão expõe o que pensam os professores sobre o trabalho de educação para as mídias na escola (Quadro 7). É alentador notarmos que a maioria, 75%, considera ser essencial trabalhar com os meios de comunicação em sala de aula. Destacamos, todavia, que quatro professores admitiram não ter preparo para esse tipo de abordagem. As respostas a essa pergunta, somadas às iniciativas relatadas pelos próprios professores, nos levam a concluir que há, sim, uma predisposição dos



professores em abordar as mídias na escola, uma vez que consideram esse trabalho importante; no entanto, revelam também que falta preparo para isso.

Interessante compararmos essa porcentagem com os dados da pesquisa realizada, na década passada, pelo NCE-USP, quando 92,94% dos entrevistados responderam afirmativamente à pergunta se a escola deve interagir com as linguagens da comunicação (Citelli, 2004). Embora haja uma diferença metodológica entre as duas pesquisas na questão sobre esse assunto (naquela era preciso responder “sim” ou “não” à pergunta), podemos afirmar que a dificuldade de os professores trabalharem com os meios de comunicação na sala de aula passa por variados problemas, porém não pelo fato de considerarem esse trabalho irrelevante.

“Trabalhar com os meios de comunicação em sala de aula é...:						
	Escola Brizola		Escola Padre Jorge Lima		TOTAL	
	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem	Respostas	Porcentagem
...essencial, pois grande parte do tempo que as crianças estão em casa é dedicado ao consumo de conteúdos da mídia”.	8	80%	7	34,3%	15	75%
...difícil, pois não tenho preparo nem a escola tem estrutura para desenvolver esse tipo de trabalho”.	1	10%	3	43,7%	4	20%
...importante, mas tenho conteúdos mais urgentes para serem abordados com os alunos”.	1	10%	-	18,7%	1	5%
...desnecessário, pois não é papel da escola desenvolver esse trabalho”.	-	-	-	-	-	-

Quadro 7: Importância da educação para as mídias

Quando perguntados sobre qual seria o meio de comunicação mais adequado para se desenvolver um projeto de educação para as mídias, a internet ganhou (Quadro 8). Interessante notarmos que o fato de as duas escolas disporem de estruturas montadas de rádio (ainda que sucateadas) não é visto como atrativo para desenvolver um trabalho com essa mídia.



A partir de qual desses meios de comunicação você acredita ser mais fácil (levando-se em consideração o seu conhecimento, a estrutura da escola e o interesse dos alunos) desenvolver um trabalho com seus alunos?			
	Escola Brizola (número de citações)	Escola Padre Jorge Lima (número de citações)	TOTAL
Internet	6	6	12
Mídias impressas (jornais, revistas, gibis, livros)	4	5	9
Televisão	4	3	7
Rádio	1	1	2

Quadro 8: Mídia para trabalhar na escola

4 Potencial das mídias digitais

A predominância da opção internet pode ser entendida dentro de um contexto maior, no qual podemos inserir as mídias digitais de uma forma geral, uma vez que a rede mundial é suporte para todas elas. Para aprofundar essa questão, é preciso considerar que vivemos um processo denominado por alguns autores como de *comunicação generalizada*, *midiatização social*, *hipermediatização da sociedade* ou ainda *midiatização generalizada*, que é definido por Muniz Sodré:

“Por midiatização entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (...), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A midiatização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual da comunicação”. (citado por CITELLI, 2010, p.19)

Observamos que a possibilidade de se converter qualquer tipo de dados (som, imagem, textos, gráficos) em códigos binários, processo este que define a digitalização, marca a mudança de uma era em que saímos do mundo dos átomos para o mundo dos bytes (Negroponte, 1995). A digitalização ampliou o acesso aos conteúdos informacionais, antes restritos a pequenos grupos centralizadores, facilitou a veiculação/publicação de conteúdos gerados por qualquer usuário que seja conectado à internet, além de transformar a forma como nos relacionamos em todos os níveis.

As possibilidades de nos conectarmos pela rede mundial de computadores, suprimindo as noções de tempo e de espaço, e de nos relacionarmos em redes sociais,



tal como o *Facebook* proporciona, delimitam esse cenário novo aberto pelas mídias digitais, que não pode ser ignorado em sala de aula como força-motriz de um “ensino gerador de possibilidades criativas de conhecimento”, conforme expressa Muniz Sodré (2012).

O consumo das tecnologias digitais é visível nas escolas, mesmo naquelas cujo perfil socioeconômico do aluno é marcado pela pobreza. Saindo do universo dos docentes e passando ao dos discentes, as crianças e jovens acessam a internet em casa ou de *lanhouses* e dispõem de aparelhos celulares, que são usados para registros em foto e vídeo, muitas vezes inclusive, de situações inadequadas como de violência e conteúdos sexuais.

Segundo dados da Anatel, o Brasil ter minou o mês de março deste ano com 264,05 milhões de celulares, o que gera uma densidade de 133,67 aparelhos para cada 100 habitantes. Desse total, 23% têm tecnologia 3G, que permite o acesso à internet³. Já em relação ao acesso à rede mundial em qualquer tipo de dispositivo, de acordo com o IBOPE Nielsen Online⁴, hoje, 83,4 milhões de brasileiros se conectam à internet em qualquer ambiente (domicílios, trabalho, escolas, *lanhouses* ou outros locais), o que corresponde a 43,7% da população. O número ainda é baixo, implica menos da metade da população, porém é uma questão que também deve passar pela escola. Já há muito nos lembra Bourdieu que a escola acaba por reproduzir as desigualdades sociais, conservando a ordem social:

“(...) para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos de ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais“ (BORDIEU, 1998, p.53).

Portanto, a escola também deve trabalhar no sentido de corrigir essas desigualdades de acesso às tecnologias. Ainda mais porque, mesmo que seja baixa a parcela da população com acesso a internet, já é suficiente para ecoar dentro das paredes da escola. Sodré (2012) chega a afirmar que hoje a tecnologia é capaz, sim, de preceder a educação formal. É por esse motivo que reiteramos que a escola deve se apropriar dessas mídias digitais, notadamente o suporte da internet, para produzir conteúdos com e para os alunos, de forma a gerar uma educação dialógica (Freire, 1982)

³ Acessado em 19/04, em <http://www.teleco.com.br/ncel.asp>

⁴ Dados do 1º trimestre de 2013. Acessados em 19/04, em br.nielsennetpanel.com



Considerações finais

A situação precária do ensino, em especial o brasileiro, causada entre outras coisas pela sobrecarga de trabalho do professor, os baixos salários, a falta de infraestrutura e de capacitação adequadas, desqualificam o docente para analisar a estrutura das linguagens não-escolares, afastando-os ainda mais do terreno da mídia.

Belonni (2001) acrescenta que o trabalho com as TIC, notadamente as mídias, só fará sentido se elas forem incorporadas ao currículo escolar dentro de uma perspectiva que as enxergue nestes dois níveis: como objeto de estudo complexo e multifacetado e, simultaneamente, instrumento pedagógico, “fornecendo aos professores suporte altamente eficazes para a melhoria da qualidade do ensino, porque adaptados ao universo infantil” (p. 46).

É certo que, para dar conta desse desafio, faltam preparo para o professor, vontade política para incorporar esse tipo de preocupação ao trabalho docente e uma sensibilização dessa necessidade por parte da sociedade. A escola pode vencê-lo na medida em que ocorrerem transformações que extrapolam seu campo de ação, pois requerem medidas anteriores à sua atuação, como alterações na legislação que rege as instituições escolares, nas licenciaturas e graduações voltadas ao magistério e na formação continuada dos professores.

Nesse sentido, a escola atuaria como mediadora, incorporando os meios e dialogando criticamente com eles a fim de que os processos comunicacionais mediatizados sejam despidos de seu descompromisso e tendência à manipulação. A urgência de se levar os meios de comunicação à sala de aula explica-se pelo fato de eles serem parte constituinte do conceito de cidadania, afinal, no mundo hoje, praticamente a totalidade das relações sociais são mediadas por algum veículo de comunicação.

Constatação repercutida nas palavras de Citelli:

“Desse modo, uma instituição importante como a escola passa a fazer parte, também ela, dessa ordem no interior da qual os meios de comunicação ganham, para lembrar Jesús Martín Barbero, dimensão estratégica. No momento, não se trata de retomar o debate acerca das mudanças na esfera pública/espço público (...), mas reconhecer o fato segundo o qual a produção do discurso educativo formal, com os seus agentes, ritos, procedimentos, não consegue mais ser entendida ou operada fora da ambiência ampla dessa campo social mediático” (CITELLI, 2010, p.24)



Referências bibliográficas

- BELLONI, Maria L. (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BELLONI, Maria L. (Org.). **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BOURDIEU, Pierre, in **Escritos da Educação**; org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3. ed. São Paulo, Senac. 2004.
- CITELLI, Adilson. **Educação e mudanças: novos modos de conhecer**. IN: CITELLI, Adilson (Org.). *Outras linguagens na escola*. São Paulo, Cortez, 2002.
- CITELLI, Adilson. No discurso do livro didático. IN: *Linguagem e persuasão*. São Paulo, Ática, 1999. CITELLI, A. O. Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes. **Comunicacao e Educação (USP)**, v. 1, p. 15-26, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LOPES, Maria I.V. de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. **Revista Nómadas**. Santafé de Bogotá, n. 5, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús e GERMAN, Rey. **Os exercícios do ver**. São Paulo, Senac, 2001.
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSSETO, L. F. D. **Educação para as mídias via TV digital: uma proposta para a formação continuada de professores do Ensino Fundamental**. 164 f. Trabalho de Conclusão (Mestrado em TV Digital: Informação e Conhecimento)- FAAC - UNESP, Bauru, 2010.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012